

Tyrone
Power

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 32)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Delegação no Porto: Rua Duque de Loulé, 42 — Telefone 30794 — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

TYRONE POWER



UM IDOLO DAS mulheres A QUEM duas mulheres NÃO SOUBERAM compreender

O pano caiu pela quinta vez, enquanto o público que enchia a sala aplaudia frenèticamente. Patia Reaume, a principal actriz, retirou-se ràpidamente para o seu camarim.

— Não, não, Patia — exclamou o seu marido. — Não te retires já. O público quer ver-te outra vez. Não ouves? Não cessa de aplaudir-te e chama-te ao palco.

— Não posso mais, Tyrone. Estou quase a desmaiar. Sai tu só, peço-te...

O marido compreendeu e concordou em silêncio. Quando por fim o público terminou de aclamá-los, correu ràpidamente para junto de sua mulher. Patia, com efeito, estava extenuada. Aguardava o seu primeiro filho e, apesar do seu estado, não quis interromper a sua actuação. Era uma mulher forte e valorosa, que suportara até ao último instante, com estoicismo exemplar, as suas obrigações de artista amimada pelo público. Mas agora estava cansada. Não podia suportar as luzes dos projectores, a tensão constante de enfrentar todas as noites o público, as largas tiradas de versos, o calor daqueles pesados trajos de época... Tyrone Power e Patia Reaume encabeçavam uma das primeiras companhias de teatro clássico de Nova Iorque. Juntos tinham trabalhado desde que se conheceram e constituiam um dos pares artísticos mais solicitados pelos empresários. Naquela noite representavam «Romeu e Julieta», e a Patia parecia grotesco e até impúdico encarnar a doce e pura heroína de Shakespeare, encontrando-se naquele estado.

— Não compreendes, Tyrone? Não posso continuar... O pequeno está quase a vir ao mundo... E tu não quererás que nasça em plena representação, não é verdade? Até agora tenho podido trabalhar sem ter tido a menor maçada. Mas esta noite, pela primeira vez, estive quase a interromper a minha actuação... e tive medo. Termina a temporada sem mim, querido; faltam muitas poucas representações e Margot, a suplente, pode ocupar o meu lugar sem dificuldades... Conhece a fundo os meus papéis... Eu irei para casa da mamã e aguardarei ali, como outra mulher qualquer, a chegada do nosso filho.

— Sim, Patia, creio que tens razão. É imprudente que continues a trabalhar nesse estado... Arranjar-nos-emos sem ti. O importante, agora, é que tu descanses e leves uma vida ordenada e metódica.

Ficou, pois, tudo combinado e Patia mudou-se para casa da sua mãe, na cidade de Cincinnati, Ohio, onde, como ela suspeitara, muito pouco tempo depois, em 5 de Maio daquele ano de 1913, viria ao mundo o filho tão esperado. Era um rapaz pequeno, moreno. O pai não cabia em si de contente.

— Obrigado, Patia — dizia, exultante, a sua mulher. — Pela maneira como falas, o pequeno parece conhecer já qual é a realidade e qual é a ficção... Este rapaz veio preencher todas as minhas ilusões. Com ele, a tradição dos Power no teatro não se extinguirá... Tem fibra de actor: basta vê-lo. O seu avô foi-o, o seu pai é-o e ele sê-lo-á também, custe o que custar... É um magnífico actor... Verás... Eu me encarrego dele. E quando formos velhos, será para nós um orgulho ver nas fachadas dos primeiros teatros o nome de Tyrone Power destacado em grandes letras luminosas...

— Por Deus, Tyrone... Não achas que é prematuro fazer planos para o futuro do rapaz? Não será preferível ser médico, advogado, ou outra coisa qualquer?!

— Não o consentirei, Patia. Nós pertencemos ao teatro; não podemos ter um filho que renegue a nossa profissão. Deixa-o comigo e verás o que faço dele.

★

ASSIM foi educado e criado o pequeno Tyrone, desde os primeiros dias, para o triunfo. Quando contava três meses de idade o casal Power firmou um contrato com a «Famous Players» para trabalhar no cinema. Quando ele tinha um ano mudaram-se para Hollywood contratados pela «Selling Pictures». Tyrone era um rapaz agressivo, voluntarioso, que demonstrava uma grande ambição mas era de constituição débil. Por isso, quando ofereceram a seu pai o primeiro papel na obra «Chu Chin Chow», que o obrigava a mudar-se para Nova Iorque, Ty teve de ficar na Califórnia com a sua mãe e a sua irmã. Por essa altura, os Estados Unidos entraram na primeira Guerra Mundial. O seu pai foi mobilizado e a sua mãe teve de alternar as suas actividades na Cruz Vermelha com as do teatro. Aceitou o principal papel feminino duma obra religiosa que se representava todos os anos, numa velha igreja do vale de São Fernando e, durante cinco anos, o pequeno Ty viveu pràticamente no camarim de sua mãe. Acostumado à atmosfera característica dos bastidores, muito ràpidamente o palco deixou de ter segredos para ele. Conhecia todos os seus cantos, todos os seus truques, e a sua maior diversão era presenciar os ensaios e as representações. Tinha já sete anos e considerava uma injustiça que não lhe tivessem dado nenhum papel. A sua mãe dizia-lhe com frequência:

— Mas, meu filho... És muito pequeno ainda... Primeiro tens de estudar, de te instruir... Depois veremos.



Neto e filho de actores prestigiosos, continuou a tradição da família

★ Desfeita a primeira ilusão de amor, entregou-se à sua sede de glória

★ A enervante procura da felicidade



Uma «trotinete» é o sonho de todas as crianças de três anos. O pequeno Ty não poderia fugir à regra, e ei-lo — precisamente com essa idade — encavalitado num desses veículos infantis, no jardim da residência de seus pais. Corria então o ano de 1917.

— Estudar! Ah, que palermice! Com tantas coisas agradáveis que se aprendem aqui! Se tu quiseres, mamã... O senhor Martin, o empresário, aprecia-te muito... Porque não lhe falas?

— Mas, Ty...

— Anda, mãe, promete-me... Promete-me que na primeira ocasião falarás de mim...

— Está bem. Mas tu promete-me ser bom filho, não te intrometeres na vida do teatro, não arreliares os contra-regras... Olha que um dia vamos ter um desgosto sério...

Mas a verdade é que o pequeno Ty era um demónio. Bisbilhotava por todo o lado, sabia fazer todos os serviços dos bastidores, desde baixar o pano, colocar um cenário, fazer de ponto, provocar qualquer espécie de ruído necessário à representação... Tudo constituia uma brincadeira para ele, o mais divertido dos passatempos. As pessoas do teatro adoravam-no, ainda que algumas vezes desejassem vê-lo bem longe dali.

Certa ocasião em que o rapazito estava mais indisciplinado que de costume, um mal-intencionado fechou-o no sótão, no guarda-roupa. Ty esteve a bater na porta durante horas e horas. Quando, por fim, a mulher encarregada do vestuário foi deitar uma olhadela pelos trajos, encontrou-o acocorado num canto, a tremer de medo. Foi uma sensação que o rapaz não pôde esquecer durante muito tempo. Cada vez que se julgava encerrado num lugar pequeno, Ty sentia-se tomado pela mais terrível impressão de pânico. Naquela noite, a mãe teve de recorrer a todos os meios para o acalmar e conseguir que ele dormisse. Na manhã seguinte, para o consolar e apagar aquela má recordação, Patia levou-o à presença do empresário do teatro.

— Senhor Martin, recorda-se do que lhe falei? Trago-lhe o pequeno... — disse, empurrando suavemente o filho para a frente.

Ty estava um pouco emocionado mas não se perturbou. Avançou resolutamente até se colocar em frente do senhor Martin.

— Olá! Temos então aqui o futuro grande actor! Mas, vamos lá ver, que julgas tu que é o teatro, rapazote? Uma brincadeira? Que papel vais tu representar, que diabo sabes fazer? Vamos, fala... — disse o senhor Martin, com um tom nada tranquilizador.

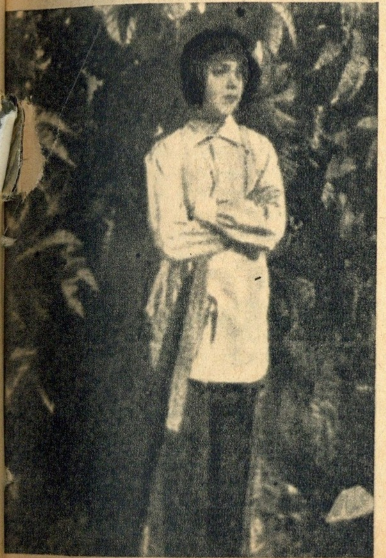
— Eu... verá... Faria qualquer coisa... O que o senhor mandasse... Mas, queria entrar no palco... nem que fosse uma vez... Deixe-me, peço-lhe...

Os olhos do pequeno expressavam tanta ansiedade, tão veemente desejo, que o empresário se enterneceu e prometeu-lhe que lhe daria para prova um pequeno papel na peça que se estava a ensaiar. Ty saltou de alegria e quase gritou:

— Obrigado, senhor Martin, muito obrigado! Verá o que vou fazer...

— Entusiasmo não lhe falta, pelo menos... Sabe uma coisa, senhora Power? Talvez o rapaz tenha razão... Há que dar-lhe uma oportunidade... Quem sabe! «Quem sai aos seus não degenera»... O seu avô era um excelente cómico. Recordo-o sempre nas suas últimas actuações, na Irlanda... Era um homem extraordinário... E vocês... No fim, não seria uma surpresa para ninguém que o rapaz se fizesse um excelente actor...

— Obrigado, senhor Martin. E Deus o oiça...



Nascido, por assim dizer, nos bastidores do teatro, Tyrone Power III (o pai e o avô tiveram o mesmo nome), veio ao mundo com a mesma vocação para o palco. Aos 7 anos, apresentou-se ao público, pela primeira vez, numa peça religiosa, em São Gabriel, na Califórnia, tal como o vemos nesta imagem. Sua mãe, Patia, foi a heroína dessa peça durante cinco temporadas.

Nos dias que precederam a sua estreia, Ty não pôde dormir, nem comer, nem brincar... Aquela representação, constituia todo um mundo para ele, todo o seu mundo... Até que enfim, ia para o palco! Mas não como nas outras vezes, com o teatro vazio e apagado para recolher o que os outros, «os grandes» — como ele chamava aos actores — haviam deixado ali abandonado. Não, não, desta vez ia apresentar-se perante um público verdadeiro, um público que talvez o aplaudisse e aclamasse como aos seus pais. Eles se sentiriam orgulhosos dele.

E era verdade que o senhor Power não cabia em si de contente ao pensar que o seu filho, o seu pequeno Ty, ia começar naquela noite a sua carreira teatral. Claro que o rapaz era ainda muito pequeno, que não sabia nada de nada e que não havia outro remédio senão mandá-lo para a escola, como tão sensatamente opinava a mãe. Mas, naquele momento, não queria pensar em nada que não fosse naquela satisfação de ver o filho a trabalhar a seu lado. Quando o pano subiu e lhe tocou a vez de aparecer em cena, o pai deu-lhe uma forte palmada no ombro e disse-lhe:

— Ânimo, rapaz! Não podes fracassar. Lembra-te que és um Power e que esse nome te obriga a muito. Vamos para o palco!

Não fracassou. O voluntarioso Ty conquistou um verdadeiro êxito naquela noite com a sua breve actuação. O público aplaudiu-o, obrigou-o a vir várias vezes ao palco. E na manhã seguinte, a crítica do jornal local citou-o em termos francamente elo-



O rosto cândido do pequenino Ty, aos 5 anos. Por esta altura, já ele era uma figura (minúscula) bastante conhecida dos ambientes teatrais da Broadway. Seus pais, Tyrone Power e Patia Reaume, encabeçavam os elencos de grandes êxitos de teatro clássico, e ele era seu companheiro diário até aos finais das representações. Nunca tinha sono nem se aborrecia daquele cenário sempre igual.

giosos. O senhor Martin, o empresário, queria, a todo o custo, contratá-lo para toda a temporada. O senhor Power, emocionado e feliz, forjava planos para o futuro teatral de seu filho... Mas Patia mostrou-se inflexível.

— Não, não Tyrone. Não pode ser. O rapaz tem de estudar. Já fez sete anos e apenas sabe o pouco que lhe pude ensinar. Devemos mandá-lo para um colégio quanto antes. Depois, falaremos do seu futuro teatral... Para mais, não me agradam os meninos prodígios... Horrorizam-me.

— Mas, mamã...

Foi inútil. O feliz início da carreira teatral de Tyrone Power III terminou... nas aulas da Academia São Xavier. Durante dez anos, Ty esforçou-se por aprender uma porção de coisas que, na realidade, não lhe interessavam nada. O amor ao teatro, herdado de seus pais, era abstante forte. Mas estudou intensamente e quando, em 1931, tirou o curso em Purcell, a primeira coisa que fez ao regressar a casa foi procurar os pais e apresentar-lhes a questão.

— Papá, mamã: cumpri o que esperavam de mim. Estudei, acabei o curso com uma boa classificação, tenho dezassete anos e não quero ouvir falar mais em estudos nem em Universidades. Quero ser actor, como vós. Pensei muito nestes anos e a minha decisão é irrevogável. Não pretendam torcê-la, porque não conseguirão — disse com aquela gravidade inabalável que lhe era tão peculiar.

— Mas, filho — respondeu Tyrone pai — porque havíamos de combater a tua vocação? Essa tua decisão causa-me a maior alegria destes últimos anos. Vês, Patia, como eu tinha razão? — acrescentou, voltando-se para a sua mulher. — Disse-to quando ele nasceu: um filho meu não podia ser outra coisa senão um actor... De acordo, Ty, eu te ensinarei tudo o que seja preciso para que alcances a fama ràpidamente. Mas terás de trabalhar muito, aviso-te. Vou ocupar-me de ti imediatamente. Começaremos por ensaiar e aprender algumas das obras de Shakespeare que representei com a tua mãe. Que te pareceria se fôssemos, tu e eu sòzinhos, para um lugarejo afastado de Quebec, para as montanhas, por exemplo, e nos dedicassemos ali inteiramente ao trabalho?

— Oh, papá! Seria magnífico. Realmente parece-me uma ideia estupenda.

— Combinado, filho. Iremos amanhã.

★

A viagem foi maravilhosa. O jovem Ty descobriu, ao mesmo tempo que um mundo novo, constituído pelos amplos e livres espaços da esplêndida paisagem canadiana, aquele mundo da arte de que antes só se apercebera nos corredores dos camarins e na luz artificial dos focos. Por outro lado, o seu pai era um mestre maravilhoso. Conhecia Shakespeare a fundo e sabia arrancar do mundo shakespeariano os mais profundos ensinamentos, não só artísticos, mas humanos. Ty julgava renascer para uma nova vida. Nada poderia afastar de si os elevados cumes da bela paisagem que o rodeava, os imensos abetos cobertos de neve quase todo o ano, o rumor das cascatas produzido pelo rebentar da primavera, a paz das extensas planuras em que o seu olhar se perdia, da impetuosa corrente dos versos shakespearianos, onde a cada passo brotava a paixão numa sucessão de imagens que formavam a mais maravilhosa selva de poesia que se podia sonhar. Aqueles meses passados com o seu pai, em íntima comunhão de espírito, deviam constituir, no futuro, a recordação mais emotiva e querida de toda a sua existência.

Quando regressaram, estava em perfeitas condições para triunfar. O pai conseguiu que lhe dessem pequenos papéis em várias obras do grande dramaturgo inglês; até que, por último, já num papel mais importante, fê-lo aparecer ao seu lado no «Mercador de Veneza». O futuro apresentava-se risonho para o jovem e ambicioso Ty. A crítica assinalava as suas pequenas actuações com elogio, e o jovem sabia que, tendo o pai a seu lado para o entusiasmar e o ensinar, muito ràpidamente alcançaria a fama.

— Contigo tudo é tão fácil, papá! — dizia



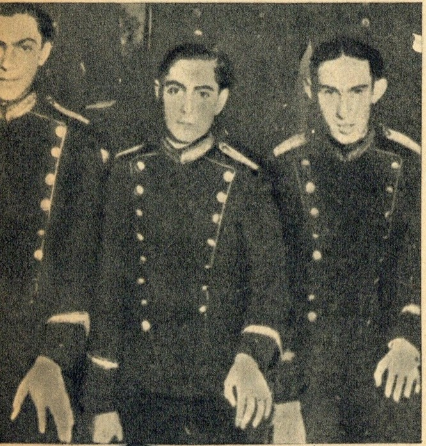
Um velho retrato de família: Tyrone Jr. còmodamente sentado ao colo do pai, e, atrás, a mãe com a irmãzinha Ann. Repare-se na pose do pequeno Ty, que já então se mostrava um «homenzinho» muito senhor de si.

o rapaz, que admirava intensamente o seu progenitor.

— Sim, filho, mas lembra-te de que eu já tenho o caminho trilhado... Enquanto que tu tens que desimpedi-lo... E convém que o faças sem a minha ajuda. Eu já sou velho e gostaria de te deixar bem situado no teatro... Um nome ilustre no palco, como o nosso, não é tudo, filho, não esqueças. Melhor diria que é um inconveniente em vez de vantagem, pois que te obriga a triunfar. Mas tens muito que aprender, Ty. Para já, vou levar-te a Hollywood comigo. Quero que participes no meu próximo filme, «O milagre». Não me será difícil conseguir que te dêem um pequeno papel no elenco. A experiência cinematográfica é muito proveitosa nestes tempos, meu filho. Para mais, ali alcança-se a celebridade muito mais depressa que no teatro.

Ty entusiasmou-se com a ideia. Trabalhar no cinema! Aquilo, sim, seria estupendo. Fez as malas apressadamente, despediu-se da mãe e da irmã... e partiu ao encontro da Fama, que ele supunha a esperá-lo de braços abertos em Hollywood. Uma dama, com efeito, saiu-lhes ao encontro, mal chegaram à cidade do cinema... Mas não a fama, como ele esperava, e sim uma dama triste e negra que, implacável, o separou do que ele mais queria no mundo: o seu pai. Tyrone Power II morreu logo que chegou a Hollywood, sem ter sequer tempo de apresentar o seu filho aos directores dos Estúdios. O rapaz encontrou-se, de repente, só e desamparado, sem nenhum apoio, e tendo a seu cargo a mãe e a irmã. Desesperado e cansado de esperar à porta dos Estúdios de Hollywood, Ty aceitou um lugar de arrumador num teatro da cidade. O trabalho não era pesado e, ainda que não correspondesse às suas ambições, pelo menos permitia-lhe estar perto do palco e viver todas as noites as comédias que os outros representavam. Havia-se transformado num rapaz muito atraente, de feições correctas, olhos escuros, que ao sorrir pareciam iluminar-se até parecerem verdes sob umas pestanas muito compridas. Sua mãe dizia-lhe:

— Ty, reunes todas as condições para triunfar na vida. Não posso ver-te resignado a esse horrível emprego de arrumador. Com o teu físico,, a tuas condições e a herança que tens, deverias ocupar já um primeiro lugar entre os actores jovens. Abandona esse emprego. O importante é que triunfes...



Tyrone aproveitava sempre as suas férias da Universidade para trabalhar nos teatros, em qualquer serviço que lhe aparecesse, só para estar junto do ambiente artístico que tanto o seduzia. Ei-lo (ao centro) com a farda de «groom» do «Teatro Orpheum», de Cincinnati. Aí teve oportunidade de tomar contacto com algumas celebridades da época.

— Mas, mamã, não posso deixar o emprego... agora...

— Porquê? — perguntou-lhe a mãe.

Ty não quis dar explicações. A verdade era que se enamorara da vendedora de tabacos do teatro, uma rapariguinha humilde que o adorava sem pensar nas glórias que poderiam aguardá-lo. Chamava-se Mary e era morena, de estatura diminuta, insignificante mas cheia de ternura e ingenuidade. O noivado havia florescido com toda a candura da adolescência. Ty sonhava torná-la sua mulher, ter o seu lar e, com o andar do tempo, meia dúzia de filhos. No primeiro dia em que falaram disso, Ty declarou abertamente:

— Mary, meu amor, gostas de crianças?

— Se gosto? Adoro-as, Ty. Sempre sonhei ter um montão de filhos...

— Pois tê-los-emos, Mary. Casaremos já... Porque tu queres casar comigo, não é verdade?

Mary não respondeu. Envolveu com os braços o rapaz e atraindo-o docemente para si, beijou-o com paixão.

Patia Power recebeu a notícia sem emoção. Não fez o menor comentário mas imediatamente prometeu a si própria acabar imediatamente aquele idílio com uma rapariga pobre e sem aspirações que só podia ser um obstáculo para o futuro de Ty. O seu filho deveria ser actor; ela o havia educado para triunfar na vida, para ocupar um primeiro lugar no palco. Se não arranjasse remédio imediato, se apoiasse no mínimo aqueles amores, a carreira do seu filho ficaria truncada. Muito diplomática e conhecedora do carácter do seu filho, não opôs obstáculos e aparentou receber a notícia com extrema condescendência.

— Muito bem, Ty. Gostaria de conhecer a rapariga. Porque não a convidas a dar um passeio de automóvel? Acompanhá-los-ei com muito prazer.

Sabia a orgulhosa mulher que o seu filho havia de sentir-se aborrecido com a sua presença e, sobretudo, sabia que ao acompanhar a rapariga à sua humilde casita, esta sofreria a vergonha e a humilhação que não poderia perdoar ao homem em quem havia posto todas as suas ilusões de jovem enamorada.

E, com efeito, as coisas sucederam tal como a senhora Power havia planeado. Ao princípio, tudo foi bem; Patia fez alarde duma amabilidade e cortesia extraordinária; tratou-a com todo o carinho e pareceu,



O pequeno Ty aos 8 anos numa pose muito emproada para o álbum de família. o álbum de família. Já então exibia aquele sorrisozinho atraente e aquele olhar irresistível que mais tarde faria acelerar o tique-taque dos corações femininos.

inclusivamente, entusiasmar-se com a candura e a juventude de Mary, Tyrone, apesar disso, sentia-se mal. Só com a rapariga, o futuro parecia-lhe claro, diáfano; mas em companhia de sua mãe, as coisas tomavam, a seus olhos, uma cor diferente. Não havia dúvida que entre eles e a rapariga existia uma grande diferença de educação e de classe. Os seus olhos começaram a olhá-la friamente, a avaliar os prós e os contras daquele amor... E quando ao anoitecer acompanharam Mary a sua casa, esta tinha os olhos húmidos e separou-se de Ty sabendo que o seu idílio terminara.

Com efeito, nos dias que se seguiram Ty procurou esquivar-se e até para não se ver obrigado a encontrar-se com ela a todas as horas, abondonou o seu emprego no teatro. A mãe tranquilizou-se.

— Fizeste bem, Ty. Esse emprego não era digno de ti. Podes aspirar a muito mais — disse-lhe, sem, no entanto, se referir à rapariga. — Porque não vais uns dias para Chicago? Aproveitas a Grande Exposição e talvez encontres uma boa oportunidade. Ouve: não era de Chicago aquele rapaz teu amigo da Universidade? Roger, creio que se chamava... Ele podia ajudar-te.

Ty aceitou a sugestão. Sim, seria uma boa ideia. Roger estava em boa situação, tinha amizades influentes que talvez pudessem ser-lhe úteis. Além disso, seria um bom pretexto para abandonar a cidade... e a família. Ty sentia-se um pouco incomodado em casa, depois do que acontecera com Mary. Talvez, no íntimo, não perdoasse a sua mãe o estratagema. Desfeito o seu sonho de amor, novamente a ambição, uma enorme ambição, havia despertado nele.



Esta fotografia, tirada pela mãe, mostra-no já um Tyrone galante, de sorriso brilhante irresistível. A pequenita que está ao lado de é a sua irmãzinha Ann. Aqui, o nosso biogr fado tinha também 8 anos.



Tudo quanto resultasse em benefício da sua experiência de actor, encontrava nele o maior entusiasmo. Assim, Tyrone aproveitava os domingos para actuar em programas radiofónicos, que muito aperfeiçoavam a sua dicção. Vêmo-lo aqui ao microfone da NBC, em 1937.

★

ROGER facilitou-lhe o primeiro passo para a fama. Apresentou-o ao empresário duma companhia teatral que estava a actuar na cidade, e este ofereceu-lhe um lugar, se não muito importante, pelo menos seguro. Ali trabalhou Ty durante dois anos até que, em 1934, conseguiu o papel de Feddie na obra «Romance», estreando-se no Blackstone Theatre de Chicago. Quando terminou a sua actuação, que durou dois meses, passou a Nova Iorque, contratado por um dos maiores directores teatrais da Brooadway, Wunther Mac Clintic, como suplente de Burgess Meredith. Ao terminar a temporada fez uma digressão por várias cidades do Estado na mesma companhia. E ao iniciar o ano de 1935, Mac Clintic confiou-lhe o papel de Benvolio em «Romeu e Julieta» e imediatamente o pôs como par de sua mulher, a famosa actriz Katherine Cornell, em «Santa Joana», de Bernard Shaw. O seu caminho triunfal para a fama começava a iluminar-se. Tinha agora vinte e um anos e havia conseguido o que tantas vezes sonhara o seu pai: ver o seu nome, o nome de Tyrone Power, novamente a luzir na fachada dum dos mais importantes teatros da Broadway.

Burgess Meredith, que lhe dedicara grande amizade desde que Ty desempenhara o lugar de seu suplente no teatro — a verdade é que, durante os seis meses que esteve ali, não teve ocasião de substituí-lo nem uma só vez — abordou-o um dia.

— Ouve, Tyrone: esta noite janto com Darryl F. Zanuck, como sabes o magnate da 20th Century Fox. É um bom amigo meu. Porque não me acompanhas? Sei que anda à procura de gente jovem para as suas próximas películas... Tu és fotogénico e, para mais, demonstraste que tens garra de actor... Se consegues interessar, a tua sorte está lançada, rapaz. Deves tentar tudo.

Tyrone não precisava de tal incitamento. Não deixara de sonhar com Hollywood desde o dia em que chegara ali com o seu pai. Aceitou, pois, sem vacilar. Tyrone era um rapaz simpático, simples e cordial, e aquele brilho risonho que saltava dos seus



Depois de completar os seus estudos primários, Tyrone ingressou na Escola Secundária de Purcell, em Cincinnati, sua terra natal. Este retrato para bilhete de identidade foi tirado aos 14 anos, quando Ty se encontrava a meio desse curso. A expressão nostálgica do olhar talvez reflectisse a saudade que sentia da vida dos palcos, que se habituara a frequentar desde os primeiros meses da sua existência.

olhos à menor oportunidade, mesmo sem querer, fazia-o duplamente atractivo para toda a gente. Zanuck ficou gratamente surpreendido pelo seu porte varonil, pela correcção do seu físico e por aquele dom, tão peculiar nele, que o fazia amável com todos sem se tornar servil.

— Venha ver-me amanhã, rapaz. Creio que nos entenderemos. O instinto não costuma falhar-me e creio que vou fazer de si um «astro» de primeira grandeza...

Ty fez um gesto de incredulidade. Mas o certo foi que a prova resultou satisfatória e, naquele mesmo dia, firmava contrato com a 20th Century Fox.

Desta vez a viagem a Hollywood foi uma viagem feliz. A colónia cinematográfica recebeu-o cordialmente e quase em seguida, fez o seu primeiro filme, «Dormitório de Raparigas», junto da actriz francesa Simone Simon. É certo que essa intervenção foi fugaz, mas a sua imagem pareceu encher todo o «écran». Quando, em seguida, interpretou «Café Metropole», com Loretta Young, a crítica elogiou-o sinceramente. Ty havia entrado pela porta grande do mundo do cinema. As mulheres assediavam-no e as suas companheiras de trabalho falavam dele em termos que não deixavam lugar para dúvidas acerca dos seus sentimentos. A própria Loretta Young declarou a sua irmã:

— Ty é encantador, tem uma grande inteligência, mas nunca exibe os seus conhecimentos nem a sua grandeza. «Sente-se» a sua personalidade sem que ele a imponha. Os homens apreciam-no porque sabem o que ele vale; as mulheres, compreendem os seus méritos e agradecem a sua constante cortesia. Junto dele, uma mulher sabe-se sempre admirada e apreciada, não só pelos seus atributos físicos mas também pela sua inteligência. E isto é muito agradável, não acreditas?

Tão agradável que Loretta esteve quase a romper o seu compromisso com o director Eddie Sutherland... por causa de Ty. O rapaz, apesar disso, não parecia de momento interessar-se nem por Loretta nem por nenhuma outra mulher. A sua única ambição era triunfar, chegar ràpidamente ao cume da fama. Não esquecia o conselho de seu pai e estudava e aperfeiçoava-se sem descanso. A sua terceira película, «Lloyd's de Londres», deu-lhe a primeira oportunidade de utilizar a sua experiência das obras de Shakespeare, que ensaiara e aprendera com o seu pai. Soube fazer brilhar, com toda a naturalidade, a arrogância, os trajos de época que se requeriam para o filme.

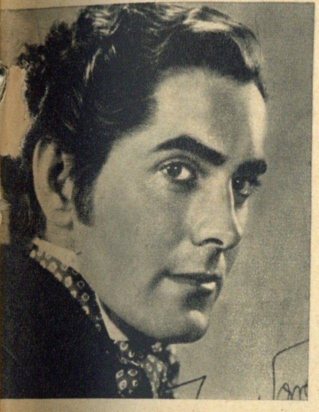
Nos dois ou três anos que se seguiram, Ty elevou-se ao estrelato em filmes de má qualidade mas de grande popularidade. O rapazito ambicioso, o menino criado «para triunfar», havia alcançado o fim a que se propusera. A partir daquele momento, Ty dedicou-se a gozar a vida. Comprou uma grande casa em Bel Aire, o bairro residencial de Hollywood, e começou a figurar nas colunas mundanas de todos os jornais. Era um homem simpático, terrivelmente simpático, que exercia um poderoso atractivo sobre as mulheres. Janet Gaynor, que então estava no auge da fama enamorou-se dele e, durante algum tempo, os seus nomes apareceram sempre unidos na Imprensa local. Tyrone, na realidade, mais do que amar, deixava-se amar... Parecia que não pudera esquecer ainda a rapariguita pobre e humilde com quem havia forjado tantos planos na sua adolescência. A verdade é que era enamoradiço, que gostava das mulheres formosas (e havia tanta mulher bonita em Hollywood!) mas não queria comprometer-se com nenhuma. O seu idílio com Janet Gaynor terminou tão bruscamente com havia começado. Um dia a «estrela» teve de partir para Nova Iorque para tomar parte numa representação teatral. Tyrone foi ao aeroporto e despediu-se dela com um grande beijo. Os jornais da noite, sempre à caça de notícias sensacionais, reproduziram aquele beijo com grande profusão de fotografias e saborosos comentários. Ty leu-os, divertido.

— Estes jornalistas — comentou para o seu amigo César Romero — já não sabem que inventar... Se eu não tivesse tão desenvolvido o sentido do humor, creio que partiria o nariz a mais do que um... Mas não vale a pena. Janet parece-me uma rapariga encantadora mas, na verdade, disso a querer fazê-la minha mulher vai um verdadeiro abismo, não achas?

Certamente. O pior era que o «abismo» havia tomado forma de mulher, e chamava-se desta vez Sonja Henie. Por um tempo, pareceu que Ty havia encontrado em Sonja a mulher dos seus sonhos. O idílio foi agitado e turbulento. Tyrone forçava todas as ocasiões para estar com ela, mostrava-se o mais zeloso dos seus admiradores, descuidava os seus compromissos no Estúdio... Até que um dia...



Uma imagem dos tempos em que Ty conheceu, como «astro» do cinema, os primeiros grandes triunfos e uma extraordinária popularidade. Vêmo-lo com a «estrela» Jeanette Mac Donald durante uma festa de que ambos foram «reis».



O ídolo romântico de há 20 anos: o Tyrone de «Maria Antonieta», quando era o menino bonito das telas de todo o mundo, e os seus estúdios distribuíam postais autografados como este.



O actor convincente da actualidade: um dos mais recentes instantâneos de Power, obtido durante uma conferência de imprensa em Madrid, onde está a filmar «Salomão e a Rainha Sabá», ao lado de Gina Lollobrigida (a barba é uma exigência do papel).

★

O destino tomou as rédeas da vida de Tyrone. O seu estúdio apesar de estar muito desgostoso com ele, ofereceu-lhe o primeiro papel na película «O Canal de Suez», que ia rodar-se com a actriz francesa Anabella. Tyrone tinha de representar no «écran» a figura de Fernando de Lesseps. Era um papel importante. Tyrone entregou-se com ardor ao trabalho... e ao seu par feminino. Na sua alma sonhadora surgiu novamente o amor. Nas horas que o trabalho no Estúdio os deixava livres, Tyrone e Anabella davam largos passeios juntos. Formavam um par encantador... embora ela fosse muito mais velha do que ele. Quando terminou a rodagem de «O Canal de Suez» Tyrone estava loucamente enamorado da francesa. Seguiu-a na viagem que a «estrela» fez à América do Sul e foram juntos para Paris, onde Anabella quis apresentá-lo a sua família. Anteriormente, Anabella tinha sido casada com Jean Murat, de quem tinha um filho. Tyrone, que adorava crianças, simpatizou imediatamente com o pequeno. Era frequente vê-los pelas ruas de Paris, os três, rindo e brincando como garotos. Um dia em que Tyrone foi, como de costume visitar o rapaz, encontrou-o a chorar amargamente.

— Olha, Ty, o que aconteceu ao meu lagarto...

O garotito tinha um bonito lagarto verde, que adorava e que quase domesticara. Naquela manhã, «Regalon», o lagarto, tinha aparecido morto. Tyrone sentiu profundamente o desgosto do pequeno, e prometeu-lhe trazer outro lagarto no dia seguinte. Durante quatro longas horas, esteve à espera junto de um buraco, para caçar outro réptil igual. Quando, por fim, o conseguiu e o levou ao rapaz, Anabella abraçou-o emocionada, e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Tyrone, querido: acabas de dar-me uma prova de imenso carinho. Ter todo esse trabalho só porque o meu pequeno chorou a morte do seu lagarto... Obrigada, querido, obrigada...

— Não me agradeças, Anabella... Não podia ver chorar o rapaz. Sabes que lhe quero muito. E a ti também... meu amor.

Prestes a chegar ao final do seu curso secundário Tyrone era agora um atraente rapagão de 17 anos que gostava de namoriscar e de se divertir. Um dos seus passatempos preferidos, nas horas livres dos estudos, era o «bowling».





Conversa com um velho amigo, Mort Stevens. Por esta altura (1941) Tyrone e Annabella, já casados, trabalhavam em Westport, num dos teatros de Verão, muito vulgares nos Estados Unidos.

Porque não nos casamos? Juntos, os três, formaremos o lar mais ditoso que possa existir na terra...

— Sim, querido. Não desejo outra coisa...

★

De nada valeram desta vez a Patia Power as suas intrigas. O seu filho Ty era agora um homem feito; não admitiu intervenções na sua vida, ainda que Patia confessasse abertamente que não aprovava a ideia daquele enlace com uma mulher muito mais velha do que ele. Foi tudo inútil. A boda celebrou-se a 23 de Abril de 1939, na intimidade. A partir daquele momento, Anabella dedicou-se por completo ao seu marido. Tyrone tinha uma aceitação indiscutível do público, e a jovem inclinou-se ante o triunfo do homem a quem ligara o seu destino. Sem a menor hesitação, retirou-se dos estúdios.

A harmonia conjugal era perfeita. Tyrone sentia-se feliz. Anabella tinha um espírito romântico e juntos partilhavam o lar e os triunfos de Ty, agora cada vez maiores. Nos anos que se seguiram, Tyrone filmou: «Jess James», «Vieram as chuvas», «O Sinal do Zorro», «Sangue e Arena», «Um Americano na R. A. F.», «Maria Antonieta», «Isto acima de tudo», «O Pirata Negro». Os conselhos de Anabella, a sua experiência e os seus conhecimentos cinematográficos, foram de grande utilidade para Tyrone, que havia alcançado por fim, o auge da sua carreira cinematográfica. E quando tudo parecia sorrir ao «menino criado para triunfar», estalou a segunda guerra mundial. E Tyrone teve de alistar-se como todos os jovens do seu país. Ingressou na Marinha, nas patrulhas de desembarque, e foi destinado ao Pacífico. Durante três anos lutou ali como qualquer soldado, conquistando o grau de tenente. Durante todo esse tempo, Anabella dedicou-se a percorrer as frentes, visitando os soldados e actuando gratuitamente para eles.

Quando, em 1945, foi desmobilizado e regressou ao lar, Tyrone tinha mudado muito. Estava mais delgado, a pele queimada dava-lhe um aspecto distinto, parecia mais sério, o seu olhar mais repousado. Os três anos de duro treino na Marinha, as batalhas em que havia tomado parte activa, haviam-no feito, sem dúvida, envelhecer e amadurecer ràpidamente.

Imagens



Os primeiros filmes de Tyrone Power transformaram radicalmente a vida do jovem actor. Dum dia para o outro, ele tornou-se o galã romântico idolatrado por milhares de cinéfilas, e, consequentemente, a sua existência tomou um aspecto quase principesco.



César Romero, um dos seus melhores amigos, acompanhou-o num longo passeio aéreo sobre vários países da



Embora a prim película de Power (Girl's Dormitory) logo tenha tra o seu nome para o primeiro plano do mundo cine ráfico, devido ao singular atractivo e simpatia da gura, foi o terceiro filme (Lloyds de Londres) consagrou definitivamente como grande «astro i o vemos, na soalheira tranquilidade de um o, saboreando as aprazíveis férias que lhe perm os seus primeiros e estrondosos êxitos no cinema.



Através de um ande programa radiofó co, vários artistas famosos da rádio e do cinema ame no fizeram chegar as suas ozes até à China, durante guerra, num colectivo gesto conforto moral. Eis Tyro, Claudette Colbert e Ronal Colman du-



Após três anos de lutas violentas no Pacífico, ao serviço da sua Pátria, Ty regressou ao lar... e ao cinema. A sua primeira interpretação, depois da guerra, foi na película «O Fio da Navalha», ao lado da notável Gene Tierney. Na imagem, vemos os dois no estúdio a ensaiar um diálogo, assistidos pela «script-girl».

A fim de rodar as principais cenas de «O Capitão de Castela», o popular «astro» permaneceu durante várias semanas no México, onde já tinha estado durante uma viagem turística. Nas horas livres, Tyrone não se cansava de percorrer a capital azteca, na companhia de um ou outro companheiro de equipa — neste caso o actor John Sutton.



da vida íntima



Terminado o seu curso, e após um período de estágio orientado por seu pai, Tyrone ganhou notoriedade nos palcos ao lado da famosa Katherine Cornell. Depois, foi para Hollywood, e num instante se tornou um galã sensacional... o que lhe proporcionou, entre muitas outras vantagens, a de comprar um elegante automóvel.

O lar, o seu lar com Anabella, não o satisfazia já. Na sua vida faltava a meia dúzia de rapazitos com que sonhara na sua adolescência. Ty compreendia que o seu amor por Anabella se ia apagando como lamparina sem azeite e que uma nova e terrível desilusão invadia a sua alma.

Anabella acusou a mudança. Tratou de reorganizar a vida no mesmo ponto em que a haviam interrompido três anos antes... Abriu de novo a sua sumptuosa casa de Brentwood, abandonou toda a actividade profissional e voltou a dedicar-se de corpo e alma à carreira de seu marido. Visitou os directores da Fox, falou com eles, discutiu exigiu e conseguiu, por fim, que dessem a seu marido o primeiro papel da célebre novela de Somerset Maugham «O Fio da Navalha», que ia ser levada à tela. Ty aceitava tudo isto com uma espécie de apatia que alarmou sèriamente Anabella.

— Que se passa contigo, Ty? Estás diferente desde que regressaste da frente... Parece que a guerra nos distanciou por completo... Não te compreendo...

— Não te preocupes, Ana Isto passará. Custa readaptar-me; isso acontece com todos. Se ao menos pudesse voar... Sabes? Ia para o Pacífico, algumas vezes, quando estava de serviço. Um companheiro levava-me com ele no seu avião... E era tão maravilhoso voar sobre toda aquela desolação... Não podes imaginar o alívio tão grande que sentia nessas alturas...

Anabella compreendeu, e prometeu a si mesma satisfazer aquele desejo de seu marido. No dia em que terminavam as filmagens de «O Fio da Navalha», Anabella foi esperar Ty ao estúdio e levou-o ao aeródromo. Ali, a n t e os olhos assombrados de Ty, mostrou-lhe um magnífico bimotor pintado de verde claro.

— É teu, Ty. Para que possas subir às nuvens... cada vez que sintas desejo de fugir da terra...

— Oh, Ana! És maravilhosa! Não encontro palavras para te agradecer...

Anabella quis dizer-lhe que não desejava o seu agradecimento, mas uma simples palavra de amor... Mas Ty não a pronunciou e ela não se atreveu a dizer nada. De dia para dia, Anabella sentia-o mais distanciado dela. Na colónia cinematográfica, para mais, começavam a circular rumores persistentes acerca da amizade de Ty com Lana Turner. Tyrone parecia realmente impressionado pela deslumbrante beleza da «estrela». E Lana, por seu lado, não ocultava os seus sentimentos. Quando Ty foi para o México filmar «O Capitão de Castela», Lana partiu apressadamente atrás dele, e declarou à Imprensa que, daí em diante, apareceria como «extra» em todas as películas de Ty, para lhe dar sorte.

Anabella começou a compreender que a sua vida matrimonial com Ty estava irremediàvelmente desfeita. Não teve forças para se revelar, para lutar pela felicidade que fugia... Tyrone havia deixado de a amar... que importava já tudo!... Quando ele lhe comunicou que projectava fazer uma digressão pela América do Sul em companhia de César Romero, Anabella limitou-se a responder:

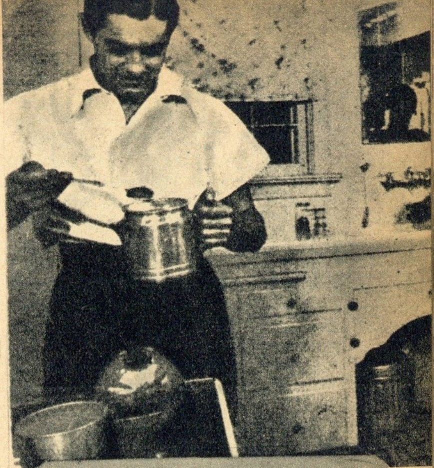
— Está bem, Ty. Irei para Paris ver a minha família...

Anabella sabia bem que, no regresso de ambos, o divórcio era inevitável.

★

O afã excursionista de Ty levou-o da América do Sul em busca de novos céus para o seu avião. Chegou até África e teve de afrontar uma violenta tempestade. Foram momentos de verdadeira angústia: o depósito começou a deitar gasolina. Tyrone e César viram-se obrigados a deixar os sapatos e atirá-los fora, com medo de que tivessem algum prego que produzisse uma faísca que fizesse explodir o avião. Quando, por fim, passou o perigo, os dois amigos estavam lívidos de terror. César, com o seu invariável bom humor, exclamou:

— Caramba! Por um momento julguei que íamos precipitar-nos no inferno... E, francamente, não me agradava nada apresentar-me sem sapatos...



Era, finalmente, um ídolo das multidões — a etapa com que tantas vezes havia sonhado, ele e os seus pais. Mas continuava a ser o rapaz simples e despretensioso, que não se importava, até, de ajudar a mãe na cozinha.

Tyrone fartou-se de rir e a atmosfera de angústia que momentos antes os paralizara, dissipou-se. A emoção daquele aventura, as novas paisagens, a vida livre e despreocupada que levou naqueles meses, tiveram a virtude de extinguir na alma de Tyrone o fogo fátuo do seu amor por Lana. Quando regressou estava completamente curado... mas Anabella tinha iniciado já as diligências do divórcio.

★

DURANTE os dois anos que se seguiram à separação, Tyrone dedicou-se a viajar pelos países assolados pela guerra, numa espécie de peregrinação sentimental, procurando, talvez, inconscientemente, repouso às torturas do seu coração. Havia triunfado na sua carreia, tal como se propusera, mas o rapaz romântico e ansioso de amor que tinha sido sempre, não era feliz. O seu fracasso matrimonial

havia deixado uma onda amarga na sua alma; ansiava encontrar a mulher sonhada, a mulher que soubesse compreender e formar junto dele um lar em que os risos e as brincadeiras daquela meia dúzia de garotos, com que havia sonhado, fossem uma realidade.

E foi em Roma, na Cidade Eeterna, longe do bulício e das frivolidades de Hollywood, onde, por fim, Ty encontrou o que procurava. Chamava-se Blanca Rosa Welter — conhecida no mundo cinematográfico pelo nome de Linda Christian —, era filha de mãe mexicana, e havia sido educada no sentir e na sinceridade latinos. Tyrone enamorou-se

Um instantâneo obtido pouco tempo antes do casamento com Anabella. A «estrela» francesa fazia, nessa noite, uma visita a casa dos pais de seu noivo, e este quis tratar pessoalmente do arranjo da mesa.



dela apaixonadamente logo que a viu. Aquela rapariga parecia ser a resposta tanto tempo esperada, para decifrar o segredo da sua felicidade. Impetuoso e sinceramente impressionado pela beleza um pouco exótica de Linda, Tyrone declarou-lhe o seu amor poucos dias depois de a conhecer. Foi uma noite, no vestíbulo do Grande Hotel, de Roma, exactamente a 4 de Novembro de 1948. Tinha procurado Linda para cearem juntos. Quando a viu aparecer no alto da escada, deslumbrante no seu maravilhoso trajo de noite, Ty correu pelas escadas acima e, apertando-a fortemente contra o coração, exclamou:

— Oh, Linda! Conseguiste tornar-me louco... Nunca conheci uma mulher como tu... Não me separarei de ti esta noite se não me prometeres que casarás comigo.

— Mas, Ty. Que impetuoso és! Acabamos de nos conhecer...

— E isso que importa? Conheci-te sempre... Tenho estado à tua espera durante anos e anos... Porque hei-de continuar a esperar?

Foi uma noite memorável para os dois. Ao regressar ao hotel, a altas horas da noite, Linda subiu para a sua casa trauteando a canção de George Gerschwin «O homem que amo». Estava enamorada? Assim o julgava, ainda que não tivesse a certeza absoluta disso. Mas cantava, e isso era já um bom indício.

Tyrone não esqueceria fàcilmente aquela visita à Europa. Não só porque havia sido frutífera pessoalmente, visto que conhecera Linda e ia casar-se com ela, como porque passara horas interessantíssimas a filmar num ambiente totalmente diferente do que estava acostumado em Hollywood. Em «O Favorito dos Bórgias», por exemplo,

em que trabalhou ao lado de Orson Welles e Wanda Hendrix, teve a aliciante experiência de reviver episódios da existência dos famosos Bórgias nos mesmos cenários onde eles viveram.

Durante a filmagem desta película, e como tivera de internar-se no pequeno estado de San Mariano para rodar umas cenas num vale encerrado entre altas montanhas, Linda, receando que lhe pudesse acontecer qualquer coisa ao seu amado, ofereceu-lhe uma formosa medalha da Virgem de Guadalupe, dizendo-lhe:

— Promete-me leva-la contigo, meu amor... A minha Virgenzita te preservará de todo o perigo. .

— Assim o farei, Linda. Mas lembra-te que, no meu regresso anunciaremos oficialmente a festa do nosso casamento.

★

Foi em Roma, no dia 27 de janeiro de 1949, às dez e meia da manhã, na Igreja de Santa Francesca Romana. Desde as primeiras horas da manhã, mais de quarenta mil pessoas se aglomeraram nas imediações do templo e ao longo das ruas do trajecto percorrido pela comitiva nupcial. Dentro da igreja encontravam-se cento e cinquenta convidados e uma centena de jornalistas, enquanto Tyrone, impecàvelmente vestido, estava acompanhado pelos padrinhos de casamento e por George Orenstein, sem poder ocultar a emoção e o nervosismo de que se encontrava possuído.

O altar estava maravilhosamente adornado. Projectores cedidos pela Cinecitta, contribuiram para realçar os convidados, as mais destacadas figuras da política, corpo diplomático, aristocracia e artistas. A noiva, requintadamente vestida de branco, entrou no templo pelo braço do seu padrinho, o engenheiro Miglievitch, e seguida das suas «damas de honor».



Tyrone revelava-se um tipo cem por cento desportivo, condição, aliás, indispensável a todo o galã que se preza. E precisamente um dos aspectos que mais entusiasmava as suas admiradoras era o seu porte varonil e atlético, exuberante de juventude e de força. Para se manter fisicamente em boa forma, Ty praticava vários desportos, entre os quais a corrida pedestre.

No momento de pronunciar o solene «sim, quero», Tyrone e Linda olharam-se nos olhos. Todo um mundo de felicidade assomava naqueles dois pares de pupilas. Jornalistas, fotógrafos, convidados... tudo desapareceu màgicamente para os noivos. Era como se, de repente, se encontrassem os dois sós numa igreja modesta, envolvidos pelas melodias do órgão e das palavras: «Declaro-os marido e mulher, até que a morte os separe...».

— Até que a morte nos separe, meu amor — repetiu Ty.

Terminada a cerimónia, os novos esposos dirigiram-se para a residência do Embaixador dos Esta-

dos Unidos, onde se realizou uma brilhante recepção. Na conferência da Imprensa que os esposos Power concederam antes de partir para a Suíça e Inglaterra, em viagem de lua-de-mel, Linda declarou aos jornalistas:

— Ty e o homem mais encantador do mundo. É bom, paciente, simpático e solí-



Pelo fresco da manhã, na piscina da sua residência de Hollywood (agora já se podia dar a esse luxo...) Tyrone esquece-se de que é um ídolo por quem suspiram milhares de corações femininos, e goza um curto descanso depois de terminar as filmagens de «Rose of Washington Square».

cito. Deu à minha vida um objectivo: ser sempre a mulher que ele escolheu. E uma razão à minha existência: fundar um lar que queremos enriquecer com o tesouro de múltiplos sorrisos infantis. Esta manhã tomei uma decisão inquebrantável: deixar o cinema para me dedicar absolutamente ao meu lar. Não desejo outra coisa no mundo.

Havia alcançado Tyrone, por fim, neste seu quarto amor, a verdadeira felicidade? Tudo parecia corroborá-lo, ao princípio. Terminada a lua-de-mel, partiram juntos para a África do Norte, onde Ty devia começar a rodagem de «A Rosa Negra», no coração do Marrocos francês. As condições em que a equipa de filmagem teve de trabalhar foram das mais exóticas que se possa imaginar. Não só fazia um calor abrasador como houve que construir, em pleno deserto, toda uma pequena cidade árabe e manejar uma horda de «extras» que não entendiam nem o inglês nem o francês. Como era de esperar, sucedeu uma série de incidentes fora do programa. Em certa ocasião, os árabes a soldo sublevaram-se e quiseram levar consigo uma das câmaras... como garantia do ordenado. Outra vez, foi uma tempestade de areia que desorientou os técnicos, pois não viram maneira de proteger as delicadas máquinas... Incomodidades, calor, moléstias, sustos, foram as características principais destas filmagens. Mas Linda suportou tudo com verdadeiro estoicismo, teimando em não se separar do marido. Quando, por fim, regressaram a Hollywood, instalaram-se numa bonita casa no bairro residencial de Bel Aire, onde Linda se dispôs a aguardar a chegada do seu primeiro filho.

Certo dia em que o casal Power presidia ao almoço mensal dos Correspondentes Estrangeiros, como convidados de honra, Linda teve de ser transportada ràpidamente ao hospital. Poucas horas depois vinha ao mundo uma formosa rapariga. Ao receber a notícia, Ty estava tão emocionado que não podia falar... Quando os jornalistas lhe perguntaram que nome daria à criança, Tyrone respondeu:

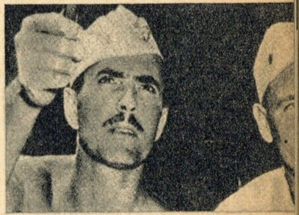


TY NA GUERRA...

EM CIMA: Em Agosto de 1942, o «enfant gâté» dos «écrans» foi chamado a prestar serviço militar no Corpo de Fuzileiros Navais, quando estava no auge a segunda Guerra Mundial. Ei-lo a prestar juramento.



Seguiu depois para o campo de treino da cidade de S. Diego, onde se submeteu, durante várias semanas, a rígidas instruções militares. E o ídolo mimado de Hollywood passou a ter uma vida muito diferente, que o obrigava, por exemplo, a lavar a sua própria roupa.

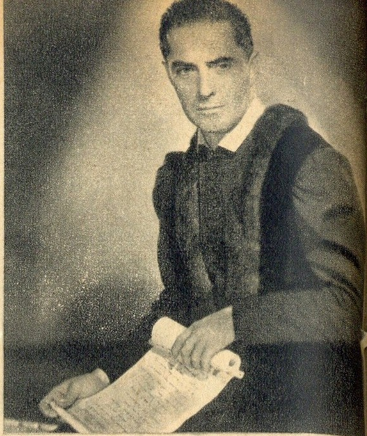


Já promovido a segundo tenente, foi colocado como piloto de transporte nas Ilhas Marianas. Vêmo-lo aqui com o major Marvin Schacher a estudar uma operação de transporte de tropas.

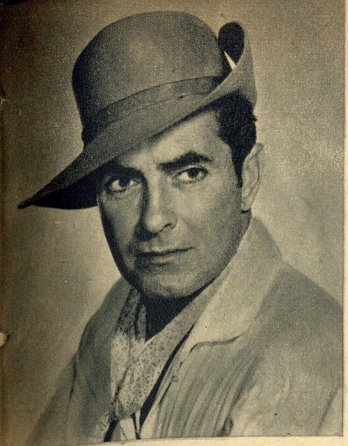


À DIREITA: O galã romântico das telas mostrou-se um combatente heróico, e foi condecorado pelos seus relevantes serviços nas ilhas do Pacífico.





Tyrone Power tem interpretado no cinema dezenas de personagens diferentes em que a sua figura magnífica é realçada por sugestivos trajos de carácter, antigos ou modernos. Nesta e na imagem da esquerda vemos o célebre actor na figura que desempenhou em «A Rosa Negra».



Apareceu assim em «Enquanto dura atormenta».



Com um garboso trajo militar na película «Cavaleiro da Rainha».

— Se tivesse sido um rapaz, teríamos seguido a tradição da família, chamando-o Tyrone. Sendo menina, só pode ter um nome: Romana Francesca... Lembrem-se que Linda e eu nos conhecemos em Roma e nos casámos na igreja de Santa Francesca Romana...

Muito pouco tempo depois, apesar disso, toda a felicidade começou a derrubar-se lentamente. Linda esqueceu ràpidamente as suas promessas de se dedicar exclusivamente ao lar e assinou um contrato com os estúdios da Columbia. Ty enfureceu-se, opôs-se enèrgicamente a que sua mulher regressasse ao «ecran»... mas Linda seguiu o caminho que havia traçado. Novamente, os sonhos dum lar feliz derrubaram-se para Ty.

Quando, em 1953, nasceu a segunda menina, Taryn Stephanie, as relações conjugais de Ty e Linda haviam chegado ao limite. A mulher em que ele depositara todas as suas ilusões, a rapariga educada «no sentir e sinceridade latinos» era, afinal, uma mulher ambiciosa e de conduta bastante ligeira. Um escândalo em que Linda se viu envolvida, pela sua paixão desmedida pelos brilhantes, foi a pedra de toque para que Tyrone se decidisse a entabular a demanda do divórcio.

Era como se um fado adverso impedisse Ty, o rapaz «criado para triunfar», de alcançar na vida a única coisa que realmente ansiava: um lar, um verdadeiro lar. Tinha tudo: fama, dinheiro, amigos... tudo, menos uma mulher que o compreendesse e que fosse capaz de ver nele não já o actor favorito do público, mas apenas o homem que era...

Agora, novamente só, Ty talvez se recordasse quando subia até às nuvens no seu bimotor verde claro, da mulher que, durante dez anos, fora a sua companheira e a sua inspiradora. A mulher a quem, na realidade, devia muito do que era.

No entanto, a vida tinha de continuar. E para Tyrone, o actor que todo o mundo admirava e estimava, algo de mais importante se impunha acima dos seus desaires sentimentais: a sua carreira cinematográfica!

★

ACIMA de tudo, Tyrone Power sentia a necessidade de dissipar no seu espírito as imagens de um passado que não podia voltar. Tinha de reconhecer que o destino lhe não era favorável, no que dizia respeito aos seus anseios sentimentais. Sabia-se admirado por milhares de mulheres — e, no entanto, a única que procurava, aquela que pudesse oferecer-lhe incondicionalmente a imensa compreensão de que um homem como ele precisava para construir um lar sólido, essa não surgia na sua vida, talvez até porque ele não a soubesse descobrir. Era triste, na realidade, ter de considerar-se um falhado no capítulo do amor. Mas um artista como ele, com responsabilidades criadas perante si próprio e perante o público, tinha de conseguir elevar-se acima do seu próprio «eu», escondendo no fundo do coração as suas amargas desilusões.

Tyrone meditava exactamente nisso, e procurava fugir de si mesmo, durante as frequentes peregrinações aéreas que realizava no seu bimotor. Voava ao acaso, de país para país, encontrando no azul límpido do céu infinito a melhor paisagem para a recuperação da sua tranquilidade espiritual.

E depois, voltou a filmar. Agora, porém, mais do que nunca, sentia que estava a extinguir-se completamente a luminosa auréola de ídolo romântico, que durante tantos anos envolvera o seu nome. Reconhecia que já não podia ser o galã irresistível dos «écrans», e a verdade, também, era que já não desejava sê-lo. Dentro de si formava-se uma nova personalidade artística, nascia um novo actor. Um actor vigoroso e essencialmente humano, não feito das atraentes aparências da juventude, mas da realidade nem sempre agradável e da experiência por vezes dura da vida.

(Conclui na pág. 32)

1.ª DESILUSÃO!

Damos nestas páginas algumas imagens da vida matrimonial de Tyrone Power com a actriz francesa Annabella. Esse casamento, que durou seis anos, redundaria na primeira desilusão sentimental do actor. Nesta foto, os dois artistas saindo de um avião, pouco tempo antes do enlace. «Não estamos noivos!», afirmavam nessa altura.





Mas o que todos adivinhavam, não se fez esperar muito. Casaram a 23 de Abril de 1939, ele com 25 anos, ela com 26. Para Ty era o primeiro passo conjugal, ao passo que para Annabella era o terceiro. Apesar da desvantagem em experiência, o «astro» viria a desfrutar um longo período de felicidade.



Dois sorrisos extremamente felizes, no dia do «sim». O casamento realizou-se após uma viagem de passeio que ambos fizeram à América do Sul.

Na tranquilidade de uma aprazível casa de campo, o casal goza as delícias de um belo dia de sol. Por essa altura, circulavam já rumores acerca de um possível desentendimento entre os dois, mas tais boatos eram desmentidos por fotos como esta.



A felicidade continuava. Depois de umas longas férias no estrangeiro, Tyrone e Annabella regressaram a Hollywood, e foram recebidos, no aeroporto, pelo abraço carinhoso da mãe do actor.





Assistem a uma competição desportiva, e Ty explica à mulher as regras do jogo. A sua união parecia, de facto, indestrutível. Um dia, porém, Tyrone partiu para as fileiras, numa longa separação de três anos.

EM BAIXO: Quando regressou da guerra, Tyrone sentia que no seu espírito se operara uma estranha transformação. Em vão tentou readaptar-se à vida conjugal com Annabella. Divorciaram-se de comum acordo, poucos meses depois.



2.ª DESILUSÃO!

Fracassado o primeiro casamento, Tyrone entregou-se a uma existência de vagabundo solitário. Fazia longas viagens pelo mundo no seu avião, deixando-se levar ao acaso pela insatisfação espiritual que o dominava. Até que um dia, em Itália, voltou a encontrar o amor, personificado na bela mexicana Linda Christian...



Foi em 1948. Tyrone encontrava-se em Roma a filmar «O Favorito dos Borgias». Conheceu a actriz Linda Christian, e apaixonou-se à primeira vista. Imediatamente nasceu um arrebatado idílio, que teve o seu venturoso epílogo a 27 de Janeiro de 1949, numa cerimónia majestosa realizada na igreja de Santa Francesca Romana, daquela cidade.



Tyrone acreditava que, daquela vez, não se tinha enganado, e tão convicto estava disso que se uniu a Linda Christian pelos laços sagrados da igreja. Na realidade, o casal viveu muitos meses de risonha felicidade, durante os quais nasceram duas filhas encantadoras: Romana Francesca e Taryn Stephanie. Mas seria uma nova desilusão para o «astro». Linda veio a revelar-se uma mulher demasiado pegada ao luxo, à vaidade pessoal e à vida mundana, e acabou por dedicar maior interesse à sua carreira cinematográfica que ao lar. Divorciaram-se em 1953.



3.ª "EXPERIÊNCIA"!



COSTUMA dizer-se que não há duas sem três. E na vida sentimental de Tyrone Power confirmou-se o dito popular. De facto, o famoso «astro» — que já não pode, hoje, considerar-se precisamente um galã romântico — arriscou-se a uma terceira experiência matrimonial, depois de ter feito o possível por esquecer os fracassos com Annabella e Linda Christian. A nova personagem idílica é a senhora Deborah Minardos, ex-esposa de um milionário, que nada percebe de cinema, e por quem o actor se mostra apaixonadíssimo. Anote-se o cuidado que Power teve, desta feita, em não escolher nenhuma artista da tela, decerto porque tinha ainda bem na mente os tristes resultados dos seus dois enlaces com «estrelas» cinematográficas. Terá sida agora que Tyrone (actualmente com a idade já bastante madura de 45 anos) acertou no alvo da felicidade? Aguardemos o desenrolar desta terceira experiência...



Tyrone Power e sua terceira mulher, Deborah Minardos, quando recentemente chegaram ao aeroporto de Barajas, Madrid. Ty encontra-se ali a filmar «Salomão e a Rainha de Sabá». O largo vestido da nova senhora Power é devido ao facto de aguardar a visita da «cegonha» por alturas do próximo Natal.

Resumo Biográfico de um galã



★ Nasce a 5 de Maio de 1913, em Cincinnati (Ohio).
★ Filho de Patia Reaume e Tyrone Power, «estrelas» de uma das primeiras companhias de teatro clássico de Nova Iorque, passa a viver diàriamente nos bastidores teatrais.
★ Aos 7 anos, faz o seu primeiro papel numa peça, revelando extraordinário e precoce talento.
★ Inicia a sua educação na Academia de São Xavier.
★ Aos 17 anos concui o seu curso secundário na escola Purcell High, na sua cidade natal.
★ Intervém na interpretação de várias obras de Shakespeare.
★ Seu pai leva-o para Hollywood, onde, a partir de 1935, desfruta os primeiros triunfos nos palcos, ao lado da famosa Katherine Cornell.
★ Estreia-se como actor de cinema, tornando-se ràpidamente um dos mais sensacionais galãs.
★ Durante a rodagem de «O Canal de Suez», apaixona-se pela «vedeta» do filme, a francesa Anabella, com quem vem a casar a 23 de Abril de 1939.
★ Estala a segunda Guerra Mundial, e alista-se na Marinha. Alcança, com a sua valorosa actuação no Pacífico, o posto de tenente.
★ Terminado o conflito, em 1945, regressa à América. Divorcia-se de Anabella.
★ Em 1948, conhece, em Roma, a actriz cinematográfica Linda Christian, com quem casa a 27 de Janeiro do ano seguinte, na mesma cidade.
★ Com duas filhas — Romana Francesca e Taryn Stephanie, o casal dissolve-se em 1953.
★ Em 1958, contrai o terceiro matrimónio com Deborah Montgomery, ex-esposa de um milionário.

FILMES de TYRONE POWER

Tyrone foi dos galãs românticos que mais distúrbios causaram na sensibilidade melindrosa do sexo fraco. Todas as raparigas se sentiam transportar para o lugar das «vedetas» que com ele contracenavam. Hoje, com 44 anos, não é já o «menino bonito» com que sonham as jovens de todo o mundo (agora têm o Rock Hudson e o Tony Curtis...), mas, amadurecido pelo tempo e pela vida, tornou-se um actor de recursos muito mais amplos. E conserva a figura do homem atraente, ideal para as sugestivas histórias de amor dos «écrans», como o confirmou recentemente em «O sol também brilha», ao lado de Ava Gardner.



Tyrone, Alice Faye e Don Ameche formaram um trio inesquecível no «musical» romântico «Alexander's Ragtime Band» (1938).



Tyrone e Gene Tierney, um belo par romântico numa película encantadora, «Escândalo na 1.ª página» (1949).



Tyrone Power, ao lado da actriz francesa Simone Simon, no seu primeiro filme, «Girl's Dormitory», rodado em 1936. EM BAIXO: Na sua terceira película, «Lloyds de Londres», que o guindou definitivamente à categoria de «astro» cintilante (1937).



Ainda em 1938, obteve um êxito retumbante em «Maria Antonieta», ao lado de Norma Shearer. EM BAIXO: Outra película famosa, «Sangue e Arena» (1941), em que apareceu com a espampanante Rita Hayworth e Anthony Quinn.



Outra «estrela» francesa, Micheline Presle, viveu com ele uma sugestiva história de amor no filme «Guerrilheiros das Filipinas» (1951). EM BAIXO: Uma das suas mais recentes películas, «O sol também brilha», em que contracenou com Errol Flynn (na imagem) e Ava Gardner.







Os filmes que rodou a seguir confirmaram essa transformação psicológica de Tyrone Power. Ultrapassada a casa dos quarenta anos, o famoso «astro» abria nova directriz à sua carreira. Não mais o conquistador fácil de romances de amor cor-de-rosa, nem o herói estilo opereta de legendárias façanhas. Agora, podíamos avaliar a verdadeira amplitude do seu talento em papéis consistentes, em personagens que tinham alguma coisa de sério para nos transmitir.

Não andaremos longe da verdade se insinuarmos que esta outra personalidade de Tyrone teve uma parte considerável da sua base nas ruínas de dois casamentos que ele não soube ou não pôde conservar, e cujo ruir deixou na sua alma uma profunda ferida, difícil se não impossível de sarar. E facto era que o coração amargurado de Tyrone continuava à procura de alguém, com uma réstea de esperança que, apesar de tudo, nunca se diluíra. Procurava ainda a mulher a quem pudesse abraçar ternamente e fazer confidências, os dois sós, afastados de um mundo turbulento que tanto exigia dele, mas que não podia oferecer-lhe tudo.

Há meses, essa mulher apareceu na sua vida. Conheceram-se por acaso, como quase todos os namorados se conhecem — num baile, numa festa de família, numa paragem de autocarro. Tyrone sentiu-se atraído por ela desde o primeiro momento. Falou-lhe. Tornaram-se amigos. E nasceu o amor. Não era nenhuma actriz, como as suas duas esposas anteriores, nem estava de qualquer modo relacionada com o cinema. Também não era uma menina demasiado jovem e inexperiente. Era bastante bonita, e revelava, principalmente, uma personalidade que muito o cativava. Também já sofrera, como ele, a desilusão de um casamento: estava divorciada de um milionário.

Tyrone pensou bastante antes de se decidir a uma nova união matrimonial. Lembrava-se dos dois fracassos que tanta influência haviam tido no seu espírito, e receava as consequências de um novo erro. Mas decidiu-se. E o casamento efectuou-se em Março deste ano.

No fim de contas, os erros só podem avaliar-se depois de cometidos. E com as mulheres — pensou Tyrone, ao oferecer-se a esta terceira experiência — a perspectiva de um novo erro pode muito bem acabar numa união feliz.

Deborah Montgomery Minardos é a nova senhora Power. O actor está apaixonado por ela, e confia, mais uma vez, na felicidade.

E, no próximo Natal, o rosto pequenino de um bebé virá tornar mais sólida essa confiança.

FIM

NO PRÓXIMO NÚMERO | *album dos artistas* APRESENTA

RAF VALLONE


N. 32
PREÇ
2$0